

Manual do professor

O VIADUTO QUE APAGOU TUDO

Estratégias de leitura,
reflexões e atividades
para os anos iniciais



Ivy Judensnaider

Manual do professor

O VIADUTO QUE APAGOU TUDO

**Estratégias de leitura, reflexões e atividades
para os anos iniciais**

Ivy Judensnaider

2026

Copyright © 2026 Ivy Judensnaider

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Judensnaider, Ivy

Manual do professor de : o viaduto que apagou tudo
[livro eletrônico] : estratégias de leitura,
reflexões e atividades para os anos iniciais / Ivy
Judensnaider. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2026.

PDF

ISBN 978-65-02-18580-3

1. Educação infantil 2. Leitores - Formação
3. Leitura (Educação infantil) 4. Mediação I. Título.

26-371175.0

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Leitores : Formação : Educação infantil 372.21

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

Esta obra está sob a Licença Creative Commons
Atribuição-Não-Comercial-Sem-Derivações 4.0 Internacional
(CC BY-NC-ND 4.0)

As ilustrações foram geradas por Inteligência Artificial através das ferramentas
Google Gemini e ChatGPT Open AI,
sob direção e edição da autora

Ivy Judensnaider - São Paulo - SP

Sumário

Introdução.....	5
Subsídios teóricos: os conceitos de espaço geográfico e espaço social.....	6
As competências e as habilidades valorizadas pela BNCC e <i>O viaduto que apagou tudo</i>	12
Habilidades a serem desenvolvidas no contexto de pré-leitura de <i>O viaduto que apagou tudo</i>	14
Estratégias de leitura de <i>O viaduto que apagou tudo</i>	18
Habilidades a serem desenvolvidas no contexto de pós-leitura de <i>O viaduto que apagou tudo</i>	23
Considerações finais	27

Introdução

O viaduto que apagou tudo é um texto paradidático destinado a crianças do 4º ano do Ensino Fundamental e pretende servir de apoio ao desenvolvimento de competências e habilidades sugeridas pela BNCC, em especial nas áreas de Língua Portuguesa, Artes, Geografia e História.

De forma transversal e contextualizada, a narrativa tangencia temas atuais e importantes, tais como o processo de urbanização, o direito à cidade e à moradia, as dinâmicas sociais que se estabelecem no espaço geográfico e os níveis de poder – governos, mercados, empresas e movimentos sociais – que participam das decisões e escolhas que impactam a população como um todo.

Resumidamente, a narrativa envolve os diálogos e as observações de duas crianças que, a caminho da escola em companhia da mãe, observam, pelas janelas dos carros, o início da construção de um viaduto. Para que o viaduto possa ser construído, é necessário retirar do terreno uma comunidade em situação de vulnerabilidade social. Assim, os irmãos assistem à derrubada das casas e acompanham o processo de remoção das pessoas e de seus pertences.

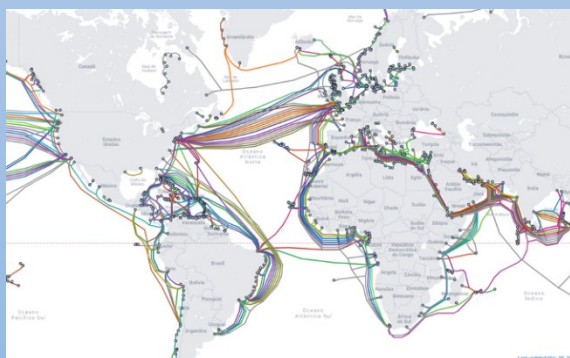
O Manual que agora apresentamos pretende criar um espaço dedicado à reflexão sobre os conteúdos de *O viaduto que apagou tudo*. Isso envolve, inicialmente, o contato com alguns **subsídios teóricos** sobre os conceitos de espaço geográfico, espaço social, urbanização e direito à moradia. A seguir, explicitamos as **competências e habilidades** possíveis de serem trabalhadas a partir da narrativa ficcional e, ao final, sugerimos **atividades antes, durante e depois da leitura** de *O viaduto que apagou tudo*.

Subsídios teóricos: os conceitos de espaço geográfico e espaço social

Nesta seção, convidamos você a refletir sobre alguns conceitos e construções teóricas que podem auxiliar, e muito, na compreensão da narrativa de *O viaduto que apagou tudo*. De forma alguma pretendemos esgotar o tema; ao contrário, queremos criar oportunidades para que você se aprofunde e pesquise mais sobre os tópicos e os elementos que considerar interessantes. Por conta disso, ao final deste Manual, deixaremos algumas sugestões bibliográficas.

Iniciaremos com as ideias daquele que é considerado um dos maiores geógrafos do século XX. Para Milton Santos (1996 – 2001), o espaço reúne não apenas componentes materiais, mas também as relações sociais que ali ocorrem. Ele define o espaço como um conjunto de elementos fixos e de fluxos. Os elementos fixos são aqueles construídos pela sociedade e que estão “fixados”, “parados”. Exemplos de elementos fixos são prédios, avenidas, redes de energia elétrica, escolas e hospitais. Os fluxos correspondem a ações que a sociedade realiza a partir dos elementos fixos. Exemplos de fluxo são a movimentação de pessoas, de ideias, de bens e de mercadorias.

Observação: atualmente, não há como qualquer país do mundo abrir mão da comunicação via internet. A maior parte do tráfego internacional de dados ocorre por meio de cabos de fibra ótica que são instalados no fundo dos mares. O mapa a seguir mostra a localização e a extensão desses cabos.



Importante: que outros fluxos de informação e redes de comunicação são visíveis no cenário urbano? Essa pode ser uma boa sugestão para discutir os conceitos de elementos fixos e de fluxos com os alunos.

Um aeroporto construído em certa vizinhança trará benefícios para a locomoção dos indivíduos da cidade como um todo; em contrapartida, poderá aumentar o ruído e os riscos ambientais para quem mora nas redondezas. Talvez, para que o aeroporto possa ser construído, casas precisem ser desapropriadas, pessoas tenham que se transferir para outros lugares e áreas verdes tenham que ser destruídas. A construção do aeroporto poderá modificar relações sociais já existentes e criar novas relações sociais.

Sempre há perdas e ganhos nos processos de crescimento e desenvolvimento do espaço urbano e, tanto no caso de perda quanto no de ganho, os benefícios e prejuízos atingem os grupos sociais de forma desigual. No caso do nosso aeroporto, ganham as pessoas que precisam se locomover por meio de transporte aéreo; de forma contrária, perdem os moradores que precisam enfrentar mais ruído ambiental, mais carros circulando nas vias próximas e mais trânsito em certos dias da semana ou do ano. Em *O viaduto que apagou tudo*, ganham as pessoas que irão transitar pelo viaduto diariamente e perdem os moradores da comunidade desfeita por conta da construção do viaduto.

Um caso interessante: nos anos 1990, em Salvador, na Bahia, a região do Pelourinho era uma área bastante degradada do ponto de vista ambiental e urbano. Por se tratar de uma região com alto potencial turístico, as autoridades governamentais promoveram a revitalização do lugar, tendo que transferir os moradores para outras áreas da cidade e investindo milhões de dólares em obras e indenizações. Entre 1992 e 1993, o conjunto arquitetônico foi restaurado.

A cidade de Salvador ganhou um novo polo turístico e algumas milhares de pessoas foram despejadas de suas moradias. Nas imagens abaixo, você pode ver o Pelourinho antes e depois da revitalização.



Importante: você conhece outros casos de intervenção nas cidades no sentido de recuperar áreas históricas? A internet e os endereços virtuais de municípios podem ajudar na pesquisa de outros fenômenos semelhantes.

A natureza pode ser transformada em função das necessidades de crescimento das cidades. Assim, compreender a cidade e entender o espaço urbano exige que tomemos consciência das mudanças sociais que ali ocorreram e ocorrem.

As transformações do espaço urbano costumam ser decididas por grupos com maior poder político e econômico, enquanto outros grupos têm pouca participação nessas decisões. Em outras palavras, as transformações resultam de relações de poder, já que alguns grupos conseguem influenciar mais as decisões sobre a cidade do que outros.

Outro exemplo notável: nos anos 1980, o prefeito de São Paulo resolveu demolir um cortiço que existia no bairro da Bela Vista. As casas estavam apoiadas num muro de mais de dez metros de altura e as condições de higiene e a ausência de iluminação faziam com que o trânsito de pessoas e de carros no local fosse perigoso. Sem qualquer consulta à população, o prefeito removeu as moradias e as pessoas.

Ao final das obras, descortinaram-se os belos arcos do muro de arrimo e o local transformou-se em marco histórico e paisagístico da cidade. Não se tem mais informações a respeito da transferência dos antigos moradores. Abaixo, você pode ver imagens do antigo cortiço e dos arcos do muro restaurados.



Observe que o exemplo acima envolve mudanças radicais no espaço geográfico e social a partir de uma decisão unilateral de um órgão do governo.

Importante: a discussão sobre outros exemplos similares pode ajudar os alunos a compreender os mecanismos que envolvem o poder e a decisão quanto às intervenções que são feitas nas cidades.

Geralmente, o acesso aos serviços urbanos, nas grandes cidades, é bem desigual. Há bairros com maior ou menor disponibilidade de instalações culturais, por exemplo. Há regiões da cidade com maior ou menor disponibilidade de transportes públicos, de hospitais e de escolas. Mesmo em centros urbanos bastante desenvolvidos – como acontece nas capitais dos estados brasileiros – há áreas que ainda não estão suficientemente atendidas por redes de esgoto. Há áreas em que o lixo doméstico e os dejetos industriais são descartados próximos a rios ou redes pluviais, aumentando os riscos à saúde dos moradores.

A violência urbana também atinge as pessoas e as regiões da cidade de maneira desigual. Afinal, o crescimento econômico implica a destruição de estruturas antigas e a construção de estruturas novas, nem sempre programadas de forma a atender, igualmente, os interesses dos diferentes grupos sociais.

Quando fazemos referência à violência urbana, não estamos somente mencionando atos criminosos e agressivos; também estamos falando sobre a inexistência de moradias adequadas para determinados segmentos da sociedade. É importante mencionar que muitas cidades brasileiras, inclusive capitais, cresceram sem que fossem tomados cuidados para evitar construções em áreas sujeitas a inundações e deslizamentos. Por conta disso, são comuns os casos de tragédias em período de chuva, tal como ocorreu em Juiz de Fora, em Minas Gerais, em 2026.



Para discussão: são comuns deslizamentos ou enchentes na região em que está localizada a escola? A cidade passou por algum evento semelhante em anos recentes? Essas discussões podem funcionar como pontos de partida para o reconhecimento e a crítica em relação à organização do espaço por parte do aluno.

Para Hermínia Maricato, uma arquiteta e urbanista bastante crítica ao crescimento urbano, os centros urbanos precisam conciliar projetos que, de forma contraditória, acabam se sobrepondo. Um dos projetos é o que resulta das políticas públicas responsáveis pelo saneamento público e pela habitação; o outro é o comandado pelos mercados que, por um lado, especulam com o espaço geográfico e, de outro, promovem incentivos para a produção e para o consumo de transporte individual.

A desorganização urbana e a desigualdade na oferta de serviços públicos à população resultam desse conflito. Assim, quanto mais avenidas e viadutos são construídos, maior o número de automóveis circulando pela cidade, maiores

os engarrafamentos e maior a poluição ambiental. Quanto maiores forem o desemprego e a informalidade no trabalho, mais vulneráveis serão as moradias e menos acesso aos benefícios urbanos terão os habitantes de regiões mais degradadas. Até mesmo regiões desprovidas de saneamento básico e equipamentos sociais podem ser alvo dos interesses de construtoras, especialmente se as áreas ocupadas por favelas, cortiços ou loteamentos irregulares tornarem-se importantes do ponto de vista econômico.

A narrativa de *O viaduto que apagou tudo* diz respeito ao deslocamento de uma comunidade para a construção de uma via para o trânsito de carros. A leitura, a discussão e a reflexão sobre esse texto em sala de aula podem ensejar o debate sobre vários dos conceitos acima apresentados. A seguir, apresentamos as correspondências entre esses temas e as práticas e condutas sugeridas pela BNCC.

As competências e as habilidades valorizadas pela BNCC e *O viaduto que apagou tudo*

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) é um documento que, de forma normativa, define o conjunto de aprendizagens essenciais aos estudantes brasileiros. Essas aprendizagens essenciais pressupõem o desenvolvimento de dez principais competências. De acordo com a BNCC, a competência é definida como a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores na resolução de questões da vida cotidiana e na construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A seguir, de forma sintética, apresentamos uma matriz de correspondência entre as competências gerais da Educação Básica sugeridas pela BNCC e os conteúdos de *O viaduto que apagou tudo*¹.

Matriz de Correspondência	
Competências	<i>O viaduto que apagou tudo</i>
Valorizar e utilizar conhecimentos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.	O texto oportuniza a discussão de questões referentes à urbanização, ao direito à moradia e às desigualdades sociais existentes nas grandes cidades.
Exercitar a curiosidade intelectual e investigar, refletir e criticar a realidade com vistas a resolver problemas e criar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.	A narrativa tem como base a observação crítica da realidade e a reflexão sobre as possíveis soluções para problemas reais enfrentados nos centros urbanos.

¹ Nem todas as competências elencadas pela BNCC foram incluídas nessa matriz. Para facilitar o trabalho da(o) docente em sala de aula, priorizamos aquelas que estão mais associadas aos temas e conteúdos envolvidos na narrativa textual verbal e não verbal de *O viaduto que apagou tudo*, o que não impede que as demais sejam também alvo de atenção das(os) docentes.

Utilizar as diferentes linguagens e os conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos.	A compreensão do espaço geográfico e do espaço social requer a identificação e o reconhecimento dos diferentes grupos sociais que convivem no cenário urbano, cada um deles com diferentes necessidades e graus de acesso a direitos fundamentais, tais como moradia, saneamento básico, saúde, educação e cultura.
Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental.	<i>O viaduto que apagou tudo</i> oportuniza a reflexão sobre os conflitos existentes entre as necessidades de crescimento urbano e o atendimento aos direitos de moradia de todos os que vivem na cidade.
Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.	Também proporciona a discussão sobre a difícil preservação da memória da cidade e o apagamento de culturas que o crescimento vertical e horizontal dos centros urbanos acaba por promover.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.	
Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	Os temas e conteúdos referentes aos problemas causados pelo processo de crescimento urbano e pelo recrudescimento das desigualdades sociais podem vir a ser objeto de pesquisa por meio de tecnologias digitais e de comunicação.

Nas próximas seções, apresentaremos, a partir de algumas atividades sugeridas, as habilidades dos alunos possíveis de serem desenvolvidas nos momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Habilidades a serem desenvolvidas no contexto de pré-leitura de *O viaduto que apagou tudo*

A BNCC define habilidade como sendo a aprendizagem essencial que o aluno necessita desenvolver. Em geral, ela é representada por verbos que indicam ação, como “interpretar”, “identificar”, “comparar” e “resolver”. Logo abaixo, apresentamos uma atividade que, sugerimos, seja realizada no contexto de pré-leitura de *O viaduto que apagou tudo*, bem como as habilidades possíveis de serem desenvolvidas.

Neste momento, nossa intenção é a de oferecer oportunidades para que a(o) docente estabeleça uma relação de comunicação atenta com as crianças, acolhendo as experiências e as histórias de vida que moldam a visão de mundo e que caracterizam o conhecimento prévio de seus alunos. É dessa forma que o trabalho transformador do ambiente escolar se organiza, à medida que ele faz a crítica do senso comum e de conhecimentos supostamente acabados e certos.

A atividade tem como principal propósito contribuir para que se estabeleça um ambiente de escuta ativa das experiências dos alunos, convidando-os à mobilização emocional e cognitiva na direção da narrativa de *O viaduto que apagou tudo*.

Atividade: as transformações na cidade	
Objetivos: identificar, por meio de textos não verbais, as transformações pelas quais a cidade passou ao longo do tempo; problematizar questões históricas, políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que tenham o desenvolvimento urbano como vetor.	
Duração da atividade: 20 a 30 minutos para a discussão de cada par de imagens	
Material a ser utilizado	Imagens extraídas da internet mostrando cenários geográficos “antes” e “depois” das intervenções humanas e as mudanças nas dinâmicas sociais em função dessas transformações.

	Há várias formas de apresentar as imagens para os alunos e a(o) docente deverá escolher a mais adequada em função das condições materiais da escola: a) impressão do material para distribuição individual; b) apresentação das imagens com o uso de retroprojektor; c) apresentação das imagens com o uso de <i>datashow</i> e uma fonte de vídeo (computador ou celular). As imagens escolhidas referem-se a três grandes centros urbanos, todos eles capitais dos seus estados. A(o) docente poderá trabalhar com todas elas, escolher algumas ou selecionar outras imagens, em especial se quiser privilegiar determinada cidade ou região do país.
Organização da turma	A(o) docente poderá organizar a turma em grupos de cinco alunos, apresentar as imagens e dividir as perguntas do roteiro entre os grupos. Depois de algum tempo, a(o) docente poderá discutir cada pergunta com a sala toda.
Habilidades a serem promovidas	
Código	Conteúdo
EF15AR04 (Artes)	Experimentar diferentes formas de expressão artística. No caso específico da atividade, fotografias, pinturas e desenhos tendo a cidade como objeto de inspiração.
EF04GE11 (Geografia)	Identificar as características das paisagens naturais e antrópicas (relevo, cobertura vegetal, rios etc.) no ambiente em que vive, bem como a ação humana na conservação ou degradação dessas áreas.
EF04HI01 (História)	Reconhecer a história como resultado da ação do ser humano no tempo e no espaço, com base na identificação de mudanças e permanências ao longo do tempo.
EF04HI03 (História)	Identificar as transformações ocorridas na cidade ao longo do tempo e discutir suas interferências nos modos de vida de seus habitantes, tomando como ponto de partida o presente.
EF04HI06 (História)	Identificar as transformações ocorridas nos processos de deslocamento das pessoas e mercadorias, analisando as formas de adaptação ou marginalização.

Imagens 1 – Avenida Paulista, São Paulo (1891 e século XXI)



Perguntas	Reflexões
As imagens acima apresentadas são pinturas ou fotografias?	A primeira imagem é uma pintura. A segunda é uma fotografia.
O que cada imagem mostra? Quais os principais aspectos apresentados nas imagens?	A primeira imagem mostra algumas carruagens, carroças e pessoas caminhando por uma via de terra construída no meio de um campo. A segunda imagem mostra uma avenida repleta de prédios e de automóveis.
Se compararmos as duas imagens, que transformações no cenário geográfico podem ser observadas?	A via de terra foi substituída por asfalto. O campo que cercava a avenida foi substituído por calçadas e prédios. Ao invés de carroças, carruagens e passantes, há carros e ônibus circulando pela avenida.
Quais atividades estão acontecendo em cada um dos cenários apresentados?	Na primeira imagem, não é possível dizer se se trata de um dia de lazer, no final de semana, ou um dia de trabalho. A segunda imagem mostra um provável dia de trabalho e de grande movimentação na avenida.
O que pode ter provocado mudanças nos dois cenários geográficos?	Crescimento econômico. Crescimento populacional. Urbanização.

Os alunos conhecem outros cenários na sua cidade/no seu bairro que passaram por grandes mudanças ao longo do tempo?

Comentários livres.

Outras imagens para serem discutidas com os alunos.

Imagens 2 – Hotel Copacabana Palace, Rio de Janeiro (1923 e século XXI)



Imagens 3 – Vista aérea de Manaus, Amazonas (1960 e século XXI)



Estratégias de leitura de *O viaduto que apagou tudo*

Segundo Rildo Cosson, a leitura literária configura-se como uma forma específica de relacionamento com os textos verbais (e, em alguns casos, não verbais). Assim, o letramento literário ultrapassa o propósito de formar leitores: ele vai além, em busca da formação integral do aluno como ser pensante e crítico. Dessa forma, para que você, docente, dê conta de operar como facilitador do letramento literário é necessário, antes de qualquer coisa, que tenha clareza em relação ao estágio do letramento literário em que estão seus alunos.

De acordo com Gregorin Filho, há vários perfis de leitores, cada um deles com características próprias e específicas. Há os pré-leitores, que ainda não são totalmente capazes de decodificar a linguagem escrita; há os leitores iniciantes, que já conseguem acessar a linguagem escrita, embora ainda recorram – e precisem – de textos não verbais para que possam compreender e apreender a narrativa. Há os leitores em processo, já com certa autonomia em termos de organização do pensamento lógico e de compreensão do mundo. Há os leitores fluentes, capazes de fazer uso do pensamento hipotético-dedutivo para refletir sobre o mundo descortinado pelo texto literário. Finalmente, há o leitor crítico que, já dominando o processo de leitura, é capaz de desenvolver pensamento reflexivo e crítico. Para que se possa estimular a leitura e o letramento literário, portanto, a(o) docente precisa reconhecer em que momento de vida e da autonomia da leitura e escrita os seus alunos estão.

O planejamento e a execução de atividades de letramento literário dos alunos costumam ter, como premissa, que a(o) docente, no exercício da sua profissão, deverá ensinar as mesmas coisas que aprendeu quando era estudante, que seus alunos são como os alunos eram ao seu tempo de estudante, que as formas de discutir e refletir sobre textos literários são as mesmas que há vinte ou trinta anos. Não é necessário dizer que essas são suposições equivocadas: o mundo mudou, os alunos se modificaram, os textos literários são outros e os objetivos do letramento literário também sofreram

transformações radicais. Na verdade, a docência envolve o encontro entre dois tempos bem distintos: o tempo do aluno e o tempo do professor, sendo que o tempo do aluno não é, necessariamente, o tempo que foi passado para o professor.

Apesar disso – ou por causa disso – o trabalho envolvido no letramento literário não envolve apenas a transmissão das experiências culturais que foram historicamente construídas, mas a construção de novas experiências a partir do diálogo entre duas visões de mundo distintas: a do docente e a discente.

Claro está que o grande desafio é conseguir que os alunos sejam capazes de transformar e ressignificar experiências a partir da linguagem e da reflexão sobre textos literários. Também parece evidente que o letramento literário do aluno requer que a(o) docente esteja aberta(o) para o ineditismo de significados que podem ser atribuídos a textos já conhecidos (ou supostamente conhecidos). Ela(e) não vai repassar experiências como se fossem verdades inquestionáveis, mas, ao contrário, irá utilizar suas próprias perspectivas para provocar outras, novas.

Como afirma Nicolau Gregorin, o texto literário precisa dialogar com o universo da(o) aluna(o); o(a) professor(a) será a ponte que permitirá que, a partir da visão de mundo, do repertório e da competência linguística discente, novas experiências possam ser provocadas. Por conta disso, a(o) docente deve compreender que a criança faz parte de um grupo social, cujo processo de instrução não teve início – tampouco termina – em sala de aula. A literatura, nesse caso, permite que aluna(o)s entrem em contato com outras vivências e outras culturas, em especial as do autor, e também abre as portas para que, por meio da linguagem, ela(e)s dialoguem com diferentes visões de mundo, ressignificando a sua própria.

Todas essas questões devem ser levadas em conta pela(o) docente. Para facilitar e sugerir formas de abordagem para o conteúdo de *O viaduto que apagou tudo*, a seguir, propomos algumas reflexões que poderão ser promovidas junto às(aos) estudantes à medida que a leitura for avançando.

Página	Reflexões
4	Em que lugar estão os meninos? O que eles estão fazendo? A(o)s aluna(o)s já estiveram em algum lugar parecido com o da ilustração?
5	O uso do travessão indica a ocorrência de um diálogo. Quem está conversando e qual é o tema da conversa? A explicação que a mãe dá para a construção do viaduto é satisfatória?
7	Há algum desconforto em relação à presença das máquinas na comunidade por parte das pessoas que moram lá? E para a(o)s aluna(o)s que estão acompanhando a narrativa?
8	Os meninos percebem que a construção do viaduto exige que sejam deslocadas as pessoas que moram na área. O que podemos pensar a respeito de a mãe não conseguir explicar para os filhos o que irá acontecer com as pessoas?
9	O que a(o)s aluna(o)s acham de os irmãos desistirem de fazer perguntas para a mãe e tentarem entender sozinhos o que está acontecendo? Há situações no cotidiano da(o)s aluna(o)s em que parece ser melhor entender sozinha(o)s o que está acontecendo ao redor?
10	A(o)s aluna(o)s concordam com as conclusões dos irmãos a respeito do que é um viaduto e de como ele vai ocupando espaço?
11	O que a ilustração nos mostra? Por qual motivo há partes do cenário que estão à sombra do viaduto? Por que apenas os carros que estão no viaduto estão desenhados com cores?

12	
13	Quais as relações existentes entre o texto verbal e a ilustração? Há correspondência entre eles?
14	O que a autora quis dizer com “o viaduto que nascer e crescer”?
16	Novamente, a mãe diz não saber o que acontecerá com as pessoas que estão sendo deslocadas. A(o)s aluna(o)s conseguem prever o que irá acontecer com elas? As pessoas são obrigadas a aceitar o deslocamento e a destruição de suas casas?
18	O que a ilustração está mostrando? O que significa o fato de não estar presente na ilustração nenhum morador, mas apenas os homens que estão trabalhando na remoção das casas?
19	O que a autora quis dizer com “as cidades vão se espreguiçando, se encompridando, ficando com as pernas e os braços cada vez maiores”? Por que a autora afirma que, para crescer, as cidades precisam comer o espaço? A(o)s aluna(o)s se sentem assim em relação às cidades ou aos bairros em que moram? Quais as principais mudanças na cidade que os alunos têm notado?
20	Qual é a relação entre a imagem e o texto anterior? Qual é o significado da ilustração? Como a(o)s aluna(o)s desenhariam o fato de algumas cidades terem cada vez menos jardins e árvores?
21	
22	Há correspondência entre a imagem e o texto das duas páginas? O que a autora quis dizer com “as máquinas engolem as casas e cospem as paredes e os móveis por cima das outras casas”?
23	
24	Por que o viaduto ficou escuro? Por que o lugar ficou com cheiro ruim?

26	Haverá uma festa de inauguração do viaduto. A partir do que a narrativa já trouxe, há motivo de festejar o viaduto? A(o)s aluna(o)s precisarão refletir a respeito de duas realidades: a que mostra que o trânsito de pessoas e carros ficou mais fácil e a que não mostra (mas que sabemos) os antigos moradores da região.
27	A ilustração e o texto, nesse momento, parecem indicar que houve um ganho para os moradores da cidade? O que a(o)s aluna(o)s pensam sobre isso?
28	
29	O texto revela o que aconteceu com as pessoas que moravam na área em que foi construído o viaduto. A(o)s aluna(o)s acham que os antigos moradores foram beneficiados ou prejudicados?
30	O que a autora quis dizer com “na cidade, os que passam pelo viaduto não lembram daquelas pessoas, tampouco dos seus brinquedos, dos seus sonhos e das suas vozes”. É possível sempre lembrarmos do que havia no lugar onde hoje existem estradas e prédios?
31	O que a autora quis dizer com “os meninos lembram”? O que os meninos estão desenhando? Como é possível preservar a memória da cidade?
Capa	O título combina com a narrativa apresentada no livro? O que significa o termo “apagou” no título? Por que as pessoas são as únicas figuras coloridas da ilustração? Que outros títulos poderiam ser dados ao texto? Como a(o)s aluna(o)s ilustrariam a capa do livro?

Habilidades a serem desenvolvidas no contexto de pós-leitura de *O viaduto que apagou tudo*

Assume-se que o contexto de pós-leitura de qualquer texto literário seja bem diferente dos momentos que os precederam. Isso se explica em função de que, neste momento, os alunos já foram estimulados a pensar sobre as questões da urbanização, do direito à moradia, da memória e da infância. Já houve debate sobre esses temas nas atividades de pré-leitura e já houve envolvimento emocional e cognitivo em relação aos personagens e às situações geradas no texto literário.

Agora, é possível oferecer aos alunos o desafio de pensar de forma crítica, apropriando-se da reflexão já feita para, diante de outra narrativa, serem capazes de comparar e estabelecer conexões e correspondências entre situações diversas daquelas mostradas no texto literário e trabalhadas nas atividades anteriores.

A nossa escolha recaiu sobre a escuta e a crítica da música “Saudosa maloca”, de 1951, de autoria de Adoniran Barbosa. A canção fala de uma moradia que foi derrubada para que um prédio fosse construído no lugar. O autor fala de saudade, do tempo que já não existe mais, das experiências que ficaram para trás, temas esses que tangenciam a narrativa de *O viaduto que apagou tudo*. Veja que a letra preserva, de forma intencional, as marcas de oralidade da língua portuguesa, características da obra de Adoniran Barbosa.

Atividade: “Saudosa maloca”	
Duração da atividade: 30 a 40 minutos para a discussão sobre as relações entre a música e o conteúdo de <i>O viaduto que apagou tudo</i>	
Objetivos	O propósito da atividade é colocar os alunos em contato com outra abordagem sobre a questão do direito à moradia a partir da música “Saudosa maloca”, comparando-a com a abordagem da narrativa de <i>O viaduto que apagou tudo</i> . Ainda, objetiva problematizar questões históricas, políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais que tenham o desenvolvimento urbano como vetor.

Material a ser utilizado	Poderão ser utilizados o texto da letra da música e o respectivo áudio de “Saudosa maloca”. Há várias formas de apresentar o material aos alunos e a(o) docente deverá escolher a mais adequada em função das condições materiais da escola: a) impressão da letra da música para distribuição individual; b) apresentação da letra da música com o uso de retroprojeto; c) apresentação do áudio com o uso de <i>datashow</i> e uma fonte de vídeo (computador ou celular), acessando canais de vídeos (como <i>Youtube</i>) ou áudio (tipo <i>Spotify</i>) A música escolhida diz respeito à manifestação de saudade que antigos moradores sentem em relação a uma maloca (uma forma de moradia bastante rústica, às vezes de caráter coletivo).
Organização da turma	A(o) docente poderá organizar a turma em grupos de cinco alunos, apresentar a letra e o áudio e dividir perguntas do roteiro entre os grupos. Depois de algum tempo, a(o) docente poderá discutir cada pergunta com a sala toda.
Habilidades a serem promovidas	
Código	Conteúdo
EF15AR13 (Artes)	Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.
EF15AR14 (Artes)	Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
EF15AR23 (Artes)	Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
EF15AR24 (Artes)	Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
EF15AR25 (Artes)	Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

EF15AR26 (Artes)	Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.
“Saudosa Maloca” (1951), de autoria de Adoniran Barbosa Se o senhor não está lembrado Dá licença de contar Que aqui onde agora está Esse adifício alto Era uma casa velha, um palacete abandonado Foi aqui, seu moço Que eu, Mato Grosso e o Joca Construímos nossa maloca Mas um dia Nem quero me lembrar Veio os homis co as ferramentas Que o dono mandou derrubar Peguemo tudo a nossas coisas E fumos pro meio da rua apreciar a demolição Que tristeza que eu sentia Cada táuba que caía, doía no coração Mato Grosso quis gritar Mas em cima eu falei Os homis tá ca razão, nós arranja outro lugar Só se conformemos Quando o Joca falou Deus dá o frio conforme o cobertor E hoje nós pega paia nas grama do jardim E pra esquecer, nós cantemos assim Saudosa maloca, maloca querida Dim, dim, donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas Saudosa maloca, maloca querida Dim, dim, donde nós passemos os dias feliz de nossas vidas	
Perguntas	Referências
Qual é a relação entre a música e a narrativa de <i>O viaduto que apagou tudo</i> ?	<i>Enquanto a narrativa de O viaduto que apagou tudo</i> fala de uma comunidade que é desfeita para dar lugar à construção de um viaduto, a letra da música fala de uma moradia que é

	destruída para que um edifício seja construído no lugar.
Como os moradores da maloca citada na música reagem à destruição da moradia? Como reage a comunidade que precisa se deslocar para dar lugar para o viaduto?	Em <i>O viaduto que apagou tudo</i> , a indignação e a tristeza são sentimentos experimentados pelos meninos que acompanharam o processo, mas não há referência às reações da comunidade com o deslocamento obrigatório. Na música, os moradores despejados conformam-se com a destruição da casa e manifestam saudade em relação ao lugar em que moravam.
O ritmo da música acentua ou não a saudade e a tristeza dos antigos moradores?	O ritmo de samba paulista contrasta com a saudade e a tristeza manifestadas pelos antigos moradores. Há um tom de coloquialidade e bom humor na descrição que os moradores fazem da situação. A letra da música é quase “falada”, descritiva, apropriando-se, inclusive, do linguajar cotidiano e das expressões de oralidade (no texto da letra da música, essas expressões estão grafadas em negrito).
A música “Saudosa maloca” é uma boa trilha sonora para a narrativa de <i>O viaduto que apagou tudo</i> ?	Comentários livres.
Se fôssemos escolher uma trilha sonora para a narrativa de <i>O viaduto que apagou tudo</i> , qual seria uma boa alternativa?	Comentários livres.

Considerações finais

Acredita-se, e de forma bastante inapropriada, que o responsável pelo letramento literário dos alunos seja, naturalmente, um(a) leitor(a) e produtor(a) de textos. Ou seja, imagina-se que a(o) docente que irá trabalhar com textos literários junto a seus alunos aprecia, consome e produz textos literários. Tal premissa é um erro, já que nem todas as pessoas que exercem a docência têm o hábito e o prazer de desfrutar/compor literatura.

No entanto – e você, docente, considere essa assertiva como um convite – valorizar a literatura é fundamental para a formação docente, uma atitude essencial para que um(a) profissional da Educação possa formar alunos leitores. Aliás, docentes precisam ser leitores, e não apenas de literatura propriamente dita: professores(as) precisam ser leitores(as) de mundo, precisam ser capazes de enxergar e refletir sobre o mundo de forma crítica. Acima de tudo, é fundamental que estejam aptos a perceber o poder transformador do texto literário a partir da experiência pessoal, perceber também o quanto ele pode estimular a imaginação e a afetividade do aluno. As sugestões que listamos a seguir podem ser acessadas caso você tenha vontade de se aprofundar em alguns dos temas que foram discutidos nesse Manual. Veja bem: essas sugestões são para o aprimoramento docente, não para os alunos...

Nossas escolhas recaíram sobre textos que não foram produzidos dentro dos rigores e limites dos textos acadêmicos, cheios de citações e referências. Esperamos que você aprecie e aproveite!

Referências não ficcionais

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

COVRE, Maria de Lourdes Manzini. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. Editora Melhoramentos, 2012.

Referências ficcionais

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Referências audiovisuais

A HORA da estrela. Direção: Suzana Amaral. Brasil: Raiz Produções Cinematográficas, 1985. 1 filme (96 min), son., color.

CIDADE de Deus. Direção: Fernando Meirelles e Kátia Lund. Brasil: O2 Filmes; Videofilmes, 2002. 1 filme (130 min), son., color.

Sobre a autora



Ivy Judensnaider é economista pela Fundação Armando Alvares Penteado, Mestra pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo no Programa de Estudos Pós-graduados em História da Ciência, e Doutora em Ensino de Ciências e Matemática no PECIM/UNICAMP. Nos últimos anos, atuou como redatora de materiais didáticos de Filosofia e Sociologia para Ensino Médio e de livros-textos de apoio de EaD nas áreas de Economia, Sociologia, Pedagogia, História e Filosofia.

Este Manual faz parte de um material que reúne o livro paradidático *O viaduto que apagou tudo* e o audiolivro do texto paradidático, todos disponíveis para *download* em <link do site>.



Você pode baixar e compartilhar o livro com quem quiser,
não esquecendo de dar o crédito à autora.

Você não pode alterar a obra ou usá-la para fins comerciais/lucrativos.

Vamos manter o conhecimento circulando livremente!

Exemplar gratuito. Proibida a venda.